

AS QUATRO ESTAÇÕES E O CONTEXTO DA PANDEMIA NA EDUCAÇÃO

THE FOUR SEASONS AND THE PANDEMIC CONTEXT IN EDUCATION

NARIKAWA, Thiago Augusto.

VICENTE, Eliézer Reis.

RODRIGUES, Olira Saraiva.

Resumo: A pandemia da COVID-19 trouxe inúmeros desafios para o mundo, e, neste escrito, haverá um recorte quanto às implicações no âmbito da educação. A partir desse contexto de inquietações e reflexões que esse artigo é construído, na compreensão de estações que foram, são e virão, lançando possibilidades de reestruturações para o momento atual, em processo pós-pandêmico. Metodologicamente, a pesquisa é bibliográfica de abordagem qualitativa. Por meio de uma escrita científico-poética, metaforicamente, perpassamos as quatro estações do ano, em seus contextos e complexidades, principalmente, na rotina docente. Houve distanciamentos sociais ainda mais complexos durante o percurso pandêmico, em que inúmeros professores adoeceram e/ou sentiram-se sozinhos diante de um contexto de isolamento. Nesse sentido, a solidão, além de toda a inserção tecnológica na prática docente, foi um dos grandes desafios que a pandemia trouxe para o cenário educacional. De um lado, o ensino precisava continuar, de outro, inúmeros estudantes não estavam presentes nas salas digitais e, quando estavam, sequer participavam. Muito foi debatido e analisado na perspectiva do papel do estudante nesta perspectiva, mas pouco foi refletivo no contexto dos professores. Assim, esse artigo visa demonstrar o contexto dos professores no processo das estações que foram e das que virão.

Palavras-chave: Pandemia. Cenário educacional. Contexto docente.

Abstract: The pandemic COVID-19 brought many challenges to the world, and, in this writing, there will be a cut regarding the implications in the field of education. From this context of concerns and reflections that this article is built, in the understanding of stations that were, are and will come, launching possibilities of restructuring for the current moment, in the post-pandemic process. Methodologically, the research is bibliographic of qualitative approach. Through a scientific-poetic writing, metaphorically, we went through the four seasons of the year, in their contexts and complexities, especially in the teaching routine. There were social distancing even more complex during the pandemic course, in which many teachers got sick and/or felt alone in a context of isolation. In this sense, the loneliness behind the cameras, besides all the technological insertion in teaching practice, was one of the great challenges that the pandemic brought to the educational scenario. On one hand, teaching needed to continue, on the other, countless students were not present in the digital classrooms and, when they were, they didn't even participate. Much was debated and analysed from the perspective of the student's role in this perspective, but little was reflective in the context of teachers. Thus, this article aims to demonstrate the context of teachers in the process of the seasons that have been and the ones to come.

Keywords: Pandemic. Educational scenario. Teaching context.

REVELLI, Vol. 14. 2022. Dossiê Cultura, Escola e Formação Humana: reflexões e interfaces com a educação.

ISSN 1984-6576.

E-202216

INTRODUÇÃO

O horizonte do cenário pandêmico da COVID-19 contribui com extensas possibilidades de análises das circunstâncias em que se assumiram as atividades pedagógicas digitais, mas nosso olhar se volta para professores, que se viram obrigados a recorrerem às mídias de comunicação como estratégias de ensino e meio de interação social. Com isso, o trabalho em *home office* acabou sobrecarregando esses profissionais, que se dividiam entre o trabalho profissional e os afazeres domésticos (SOARES, 2020).

Metaforicamente, a pandemia da COVID-19 seguiu as quatro estações e, por dois invernos, mudou drasticamente o mundo e o nosso olhar sobre vários contextos. Diante disso, a educação não poderia ser deixada de fora. Feridas ainda estão abertas e refletem o tema desse estudo, em uma perspectiva atual, até porque o tempo é presente e estamos atravessando o processo, não findou e nem sabemos ainda o que poderá acontecer, mas dentro dessas perspectivas abarcaremos parcialmente o contexto, metaforizando as quatro estações do ano, em suas especificidades e singularidades.

Enquanto os países desenvolvidos ou em ritmo de desenvolvimento investem maciçamente em educação, o Brasil seguia na contramão. O país que raramente teve uma cultura de investimento em educação por parte do Estado, via-se em situação ainda mais complicada.

São tantas perspectivas dentro de um mesmo processo que vale repensar o papel do professor, do Estado, das instituições privadas, dos estudantes e da família neste cenário. Muito foi escrito e divulgado na mídia sobre a dificuldade de estudantes na pandemia, mas quantos trabalhos, ações e projetos foram realmente direcionados ao professor, suas dores, angústias, isolamento, muitas vezes, falando sozinho diante de uma câmera e, do outro lado, apenas silêncio e câmeras fechadas? São tantas indagações diante dessas perspectivas que uma pergunta é latente diante do contexto: Quem, de fato, está olhando atento para o professor, envolto em sua solidão?

1. Outono: Folhas de caderno em árvores sem folhas

As folhas começaram a cair em dezembro de 2019. Alertas deveriam ter sido realizados com mais ênfase, porém, somente em março de 2020 a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretava como pandemia a COVID-19¹, o que deixou o mundo atônito diante de um cenário desconhecido e amedrontador, estatuindo ao mundo globalizado uma ruptura em nossa vida ordinária, descortinando a desigualdade e as condições de vulnerabilidade social, causando morte, medo, insegurança e luto. Diante desse cenário protocolos de orientação e proteção à vida e de minimização do contágio foram logo organizados e medidas sanitárias e distanciamento social naquele momento mudavam os hábitos sociais da população brasileira.

E como se a arte prenunciasse a realidade, a música de Raul Seixas predizia em seus versos: “No dia em que todas as pessoas/ Do planeta inteiro/ Resolveram que ninguém ia sair de casa/ Como que se fosse combinado em todo o planeta/ Naquele dia, ninguém saiu de casa, ninguém, ninguém” (SEIXAS, 1977). Escolas e universidades tiveram suas atividades suspensas, e, à época, o Ministério da Educação (MEC) publicou a portaria nº 343/2020, instituindo a continuidade das aulas por meio de atividades remotas emergenciais a fim de garantir a continuidade do ano letivo, sem a presencialidade.

A Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) lançou [...] uma coalizão mundial para assegurar a educação à distância dos mais de 1,5 bilhão de alunos de 165 países afetados pelo fechamento de escolas devido à pandemia do coronavírus (GHZ, 2020, online).

Estávamos preparados para isso? A resposta, seguramente, é não. Ninguém estava esperando algo tão atípico, tão complexo e tão disforme de tudo que conhecíamos até então, a partir de uma ruptura de rotina tão drástica. Desde a gripe espanhola, inclusive, nada foi tão avassalador, no aspecto de saúde, quanto à COVID-19. Não havia conhecimento real da

¹ A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o surto da doença causada pelo novo Coronavírus (COVID-19) constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. Segundo a OMS, COVID-19 é a doença infecciosa causada pelo novo Coronavírus, identificado pela primeira vez em dezembro de 2019, em Wuhan, na China. OMS (2020).

situação, quanto tudo iniciou, nem em como atender devidamente aos contaminados, nem quem era, de fato, grupo de risco. Nisso tudo, a sociedade estava refém do desconhecido.

O mundo parou e, por instantes, a vida humana estava na berlinda. Congelados por um frio intenso do inverno dos países do norte, ficamos paralisados e ao mesmo tempo aterrorizados com o que ocorria em nossa volta. O ruído das salas de aula, das conversas e gritarias de crianças, adolescentes, jovens e adultos pelos corredores deu lugar ao silêncio absoluto e frio. O lugar de socialização, naquele momento, era apenas um ambiente vazio, sem cor, sem movimento, sem vida, tal como uma árvore que perde todas as suas folhas na espera de um verão que, por vezes, parecia nunca se aproximar.

Diferentemente do que se pensa, uma boa parte dos profissionais educadores tiveram fragilidades do ponto de vista pedagógico, reveladas pelo ensino remoto emergencial no que tange a questões tecnológicas. O distanciamento do ambiente escolar exigiu, desses profissionais, novos aprendizados e habilidades, além de maior disponibilidade de tempo para o preparo de aulas, tal como para o atendimento individual de alunos por meio eletrônico (SOARES, 2020). Esse novo e inesperado cenário educacional exigiu deles mudanças pontuais frente ao uso das novas tecnologias digitais de informação e comunicação. O impacto e as implicações desse processo foram algo extremamente complexo no âmbito escolar. Segundo Senhoras (2020, p. 129-130):

A difusão da pandemia da COVID-19 gera impactos na educação de modo complexo à medida que há o transbordamento de efeitos de modo transescalar no mundo, embora com assimetrias identificadas, tanto, pelas distintas experiências internacionais em cada país, quanto, pelas diferenciadas respostas intranacionais geradas entre o setor público e privado, bem como entre os diferentes níveis de educação (fundamental, básica e superior) (SENHORAS, 2020, p. 129-130).

Muitos não dominavam completamente ou possuíam problemas precisos com a utilização de recursos tecnológicos e, ainda assim, viram-se obrigados a serem criativos na transformação de recursos anteriormente utilizados apenas para se comunicarem, como recursos pedagógicos eficazes para o ensino e aprendizagem, e para, além disso, manterem o interesse do estudante na aula (SOARES, 2020).

A escola é o lugar dos encontros presenciais, a casa que era um lugar de privacidade, tanto para professores quanto para estudantes, naquele instante, se interpõe. E, de acordo com REVELLI, Vol. 14. 2022. Dossiê Cultura, Escola e Formação Humana: reflexões e interfaces com a educação.

ISSN 1984-6576.

E-202216

Arendt (2005, p. 45), entre a “vida resguardada do lar” e a “impiedosa vulnerabilidade da vida na *polis*”, entre o público e o privado, cede-se espaço para a tela, no ambiente doméstico. Não havia mais o limite que separava o público do privado, o pessoal do profissional e, para muitos, não houve treinamento ou instrução, recursos ou equipamentos para que pudessem exercer, adequadamente, sua profissão.

Um grande número desses profissionais teve que adquirir computadores, *smartphones*, lousas digitalizadoras, aumentar a conectividade, com a aquisição de um plano de internet mais veloz e até *chroma key* para fazer de suas aulas algo mais interativo. Para Boaventura de Sousa Santos (2020), a pandemia escancarou a realidade que muitos não viram. Segundo ele:

A pandemia e a quarentena estão a revelar que são possíveis alternativas, que as sociedades se adaptam a novos modos de viver quando tal é necessário e sentido como correspondendo ao bem comum. Esta situação torna-se propícia a que se pense em alternativas ao modo de viver, de produzir, de consumir e de conviver nestes primeiros anos do século XXI (SANTOS, 2020, p. 30).

Também, para uma maioria gigantesca, não houve apoio sequer das instituições durante o processo, principalmente das instituições privadas, visto que as instituições públicas, durante o período de pico pandêmico, suspenderam as atividades presenciais mantendo as aulas remotamente, mas houve em várias dessas instituições um atraso significativo no calendário acadêmico. Nas instituições privadas, não houve ressarcimento pelo investimento em equipamentos, internet de melhor qualidade, energia e, principalmente, pela ampliação da jornada de trabalho, algo, de fato, bem expressivo. Muitas dessas instituições privadas, sem hesitar, disponibilizaram o número pessoal de telefones dos professores, não ofereceram auxílio extrassalarial e tão pouco atendimento psicológico durante o período pandêmico, com o agravamento do congelamento dos proventos. A esse respeito, Pretto, Bonilla e Sena (2020), pontuaram:

Aos professores está sendo atribuída a responsabilidade de assumirem os custos da infraestrutura física e tecnológica, não planejada para o uso intensivo nos dias atuais. Parte-se do pressuposto de que os professores tenham (ou lhes obrigam a ter!) disponível em suas casas condições adequadas, como: espaço isolado, mobiliário ergonomicamente desenhado e equipamentos para que seja possível realizar, com comodidade e

tranquilidade, as atividades a distância. No tocante às conexões, é importante considerar que a sua qualidade, já há muito vem sendo denunciada pelo coletivo Coalizão Direitos na Rede, uma vez que, mesmo com contratos privados de serviço de internet, são oferecidos pacotes com velocidades muito aquém daquelas contratadas (PRETTO; BONILLA; SENA, 2020, p. 10-11).

Há casos que, principalmente no Ensino Superior das instituições privadas, os rendimentos não foram atualizados. Muitas Instituições de Ensino Superior – IES alegaram o impacto financeiro da pandemia para que os proventos continuassem sem ajustes durante todo o período, outras demitiram professores mais antigos e contrataram novos com salários ainda menores. Excesso de trabalho, cansaço, falta de reconhecimento, tanto profissional quanto financeiro, fizeram com que muitos desses profissionais adoecessem e, até, diminuíssem a carga horária para complementarem fora do magistério, ou mesmo, deixassem a sala de aula para se dedicarem a outras ações mais rentáveis e menos estressantes.

Desvalorização, violência, pandemia, esgotamento e tantos outros fatores colocaram a profissão de educador como algo que, principalmente para os mais recentes, não se considerava compensador, no sentido do trocadilho de não compensar mesmo as dores carregadas pela função. Em tempos de virtualização dos espaços reais, em aulas digitais em que nos encontramos, houve um afastamento e um distanciamento ainda maior, mesmo porque estávamos envoltos pela tecnologia, que é por natureza fria em suas relações. Real mesmo, só os números de casos de contaminação pelo vírus que aumentavam assombrosamente, seguidos de mortes e descasos governamentais com a vida humana.

Qual seria esse espaço não simultâneo e inédito na educação? No sentindo antropológico, esse novo território se configura como flutuação, como caracteriza Virilio (1993). Concerne habitar um novo espaço, um novo território, mediatizado pela tela, em que o achatamento e distanciamento dos corpos impõem novas invenções e configurações. Corpos recortados que permanecem sentados, em que, metonimicamente, há somente a parte pelo todo, somente rostos, ou, mais deprimente ainda, apenas fotos ou nomes, quando a câmera não permanece ligada.

Para o professor, acostumado com a sinestésica cena escolar, quase que como um ator no palco, a educação colocada abruptamente no período pandêmico exigiu uma modificação profunda na comunicação com os interlocutores. Se antes, seu olhar e voz

REVELLI, Vol. 14. 2022. Dossiê Cultura, Escola e Formação Humana: reflexões e interfaces com a educação.

ISSN 1984-6576.

E-202216

convocam os estudantes, aos quais por meio de olhares e vozes, respondiam interessados ou não, no contexto pandêmico, por trás das telas, quais seriam os indícios digitais de engajamento, e por outro lado, indiferenças e cansaços desses estudantes? O professor tem diante de si fragmentos identitários, onde corpos, já apagados pelo Ensino Remoto Emergencial - ERE, desaparecem. Falta de conectividade transforma-se em uma questão crucial denotativa e conotativamente. No entanto, circundava a justificativa de que o ensino não podia parar, deveria seguir funcionando, mesmo na precariedade, no sentido de evitar maiores danos aos subsequentes anos letivos. De acordo com Ely (2020):

Há consenso entre especialistas que o ensino remoto não substitui o presencial, mas, ao menos, contribui para minimizar os danos causados pela suspensão das aulas. Para o diretor de políticas públicas do Todos Pela Educação, Olavo Nogueira Filho, o afastamento do ambiente escolar deixará sequelas que precisam ser amenizadas mesmo [a] distância (ELY, 2020, online)

Muito se discutiu sobre as implicações da pandemia entre os estudantes, mas pouco foi analisado e considerado, além da academia, sobre as reverberações na vida não somente profissional, mas pessoal dos professores. Não temos uma cultura de valorização desses profissionais, e a educação segue cada vez mais precária no Brasil, assim como o reconhecimento desses educadores. Em 2011, bem antes da pandemia, a professora Amanda Gurgel em audiência pública, no Rio Grande do Norte, já sintetizava o que muitos professores sentiam e vivenciavam, mas que não possuíam voz ou vez para expressar. Em seu discurso, a professora salienta:

[...] são tantas questões a serem colocadas e tantas angústias do dia a dia de quem está em sala de aula de quem está em escola e eu queria sintetizar minimamente essas angústias. [...] só quem está em sala de aula, só quem está pegando três ônibus por dia para poder chegar ao seu local de trabalho, ônibus precário inclusive, é que pode falar com propriedade sobre isso. Fora isso, qualquer colocação que seja feita aqui, qualquer consideração que seja feita aqui é apenas para mascarar uma verdade que uma verdade visível a todo mundo que é o fato de que, em nenhum governo, em nenhum momento que nós tivemos em nosso Estado, em nossa cidade, em nosso país, a educação foi prioridade, em nenhum momento, certo? Então assim, me preocupa muitíssimo a fala da maioria aqui [...] que é não vamos falar da situação precária porque isso todo mundo já sabe. Como assim? Não vamos falar da situação precária? Gente, nós estamos banalizando isso daí. Estamos aceitando a condição precária da educação como uma fatalidade, estão me

colocando dentro de uma sala de aula com um giz e um quadro para salvar o Brasil, é isso? [...] sou eu a redentora do país? Não posso, não tenho condições, muito menos com o salário que eu recebo. [...] A Secretária disse ainda que nós não podemos ser imediatistas, ver apenas a condição imediata, precisamos pensar a longo prazo, mas a minha necessidade de alimentação é imediata. A minha necessidade de transporte é imediata, a necessidade de Jéssica de ter uma educação de qualidade é imediata, certo? Então, eu gostaria de pedir aos senhores, inclusive, que se libertem dessa concepção errônea, extremamente equivocada (GURGEL, 2011, n.p).

A partir desse contexto atual, ainda não percebemos avanços de reconhecimento profissional. Os olhos da mídia, da sociedade, dos pais e, lamentavelmente, de alguns professores não conseguem visualizar e se sensibilizar com a dor alheia, principalmente os professores de base, que não são devidamente legitimados como deveriam, por exercer uma atividade que requer tanta dedicação, habilidade e comprometimento.

Há uma romantização do trabalho docente, em meio a uma realidade que se faz presente. Há uma perceptível apatia do Estado, de diversas instituições, inúmeras famílias e, potencialmente, com a pandemia, de uma boa parte dos estudantes, que muitas vezes adentravam à sala de aula digital, estando logados, porém, ou dormindo ou se dispersando em jogos e conversações em redes sociais.

A solidão do professor durante o pico pandêmico, apenas potencializou algo que não estava de acordo. No que tange à qualidade de vida e valorização de professores é, antes de tudo, pensar em respeito humano por um profissional de importância singular na sociedade, mas ao mesmo tempo, muitas vezes desmerecido. Apenas romantizar a luta por melhores condições de vida não fará a mudança necessária, mas compete-nos repensar com criticidade o contexto educacional brasileiro, em período da pandemia, com algumas proposições para este momento pós-pandemia, pautado em discussões, reflexões e análises do sistema de educação atual. O estudo aponta inúmeras fragilidades, a partir de desigualdades sociais no Brasil e precarização no sistema de ensino, por falta de políticas públicas educacionais direcionadas.

2. Inverno: lamentos de isolamentos

Um ano após a ruptura em nossas vidas, causada pela COVID-19, sem previsão de um novo normal, de um retorno presencial para as atividades escolares e acadêmicas, a sociedade continuou com o ensino remoto. Tudo era inverno, inverno longo, inverno letal. A vida não pulsava mais, rapidamente ela foi ceifada de muitas e muitas pessoas. A essa altura, a pandemia registrava o seu pior mês: março de 2021, com 79.298 óbitos pela COVID-19. Restava-nos entoar aos cantos de Belchior: “Tenho sangrado demais, tenho chorado para cachorro/ Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro” (BELCHIOR, 1976), que por sinal, foi considerado um hino de sobrevivência por muitos.

O planeta continuava a tentar nos ensinar alguma coisa: Isolem-se. A natureza continuava a seguir o seu curso. “O vírus não mata pássaros, ursos, nenhum outro ser, apenas humanos. Quem está em pânico são os povos humanos e seu mundo artificial, seu modo de funcionamento que entrou em crise” (KRENAK, 2020, p. 5).

Diante de tudo, vozes ecoavam da presidência e de seus seguidores, na defesa da manutenção da atividade econômica, alegando que era inevitável a morte de muitos, em uma impactante banalização da vida, pela palavra e seu poder. Michel Foucault (1999), em sua obra *Vigiar e Punir*, afirma que essa sociedade de mercado em que vivemos só considera o ser humano útil quando está produzindo. Para o autor, ou você produz condições para se manter vivo, ou condições são produzidas para sua morte.

Pelos versos de Carlos Drummond de Andrade (1930): “Stop/A vida parou/ ou foi o automóvel?”, estávamos em uma parada para valer, uma parada necessária para não desaparecermos drasticamente em nossa própria construção histórica. O ritmo de agora já não era o mesmo do ano anterior. Dados divulgados pelo estudo “Educação em Pausa”, do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), apontaram que em média quatro milhões de estudantes no Brasil, no Ensino Fundamental, não tiveram acesso a nenhuma atividade escolar e outros estudos apontaram que, com o ensino remoto em 2020, os estudantes brasileiros aprenderam abaixo da média, algo que estamos constatando com a retomada.

No “ensino” remoto, ficamos com pouco ensino, pouca aprendizagem, pouco conteúdo, pouca carga horária, pouco diálogo. Em contrapartida, temos muitas tarefas. Do lado dos alunos, estes supostamente passam a ser

REVELLI, Vol. 14. 2022. Dossiê Cultura, Escola e Formação Humana: reflexões e interfaces com a educação.

ISSN 1984-6576.

E-202216

“autônomos” e vão em busca do próprio conhecimento, assoberbados com multiplicação de leituras, vídeos, *podcasts*, webinários, etc (SAVIANI, GALVÃO, 2021, p. 42).

E com isso, no centro da crise, a pandemia contribuiu para que, mais uma vez, a profissão do professor se tornasse mais fragilizada. No entanto, somente com um parâmetro de igualdade social seria possível planejar uma educação digital, para que os professores integrassem em suas práticas pedagógicas os saberes de suas respectivas áreas de formação, com o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação - TDICs.

Para que essas estratégias fossem possíveis, seria importante, outrossim, reconhecer o papel do professor como figura central na educação, não sendo possível substituí-lo por um programa ou por tecnologias modernas. A personalização permitiria que o professor propusesse ações e que as revisitasse, de acordo com indicadores de aprendizagens oferecidos por cada estudante, potencializando seu planejamento e suas intervenções. Mesmo porque:

Educar é um processo complexo, que exige mudanças significativas, investimento na formação de professores, para o domínio dos processos de comunicação da relação pedagógica e o domínio das tecnologias. Só assim, poderemos avançar mais depressa, com a consciência de que, em educação, não é tão simples mudar, porque existe uma ligação com o passado, que é necessário manter, e uma visão do futuro, à qual devemos estar atentos (MORAN, 2007, p. 249).

Enquanto o ensino EaD potencializava a lógica do controle rizomático, substituindo a vigilância pelas metas (SARAIVA, 2010), o ensino remoto reassumia algumas características de disciplina. De acordo com Foucault (1999, p. 13), “o espaço das disciplinas é sempre no fundo celular. Solidão necessária do corpo e da alma”. Solidão que, nessa altura da crise pandêmica, já sentiam estudantes e professores pelo isolamento social.

Além da solidão, o momento de exaustão já assolava professores com o ensino remoto. Poderíamos pensar que estávamos atravessando um período de migração, analogicamente aos pardais de coroa branca. Afinal, os professores, comparados a outros profissionais, apresentam uma carga horária exaustiva de trabalho, que não se resumia ao durante, mas ao antes e depois de sua função em sala de aula.

Quem já viveu na costa oeste da América do Norte deve saber que, em função das estações, todo ano centenas de espécies de pássaros migram para o Norte e para o Sul, perfazendo distâncias variadas ao longo da plataforma

REVELLI, Vol. 14. 2022. Dossiê Cultura, Escola e Formação Humana: reflexões e interfaces com a educação.

ISSN 1984-6576.

E-202216

continental. O pardal de coroa branca é uma dessas espécies. No outono, eles voam do Alasca até o norte do México, na primavera voltam para o Norte. Diferentemente da maioria dos outros pássaros, esse pardal tem uma capacidade extraordinária de permanecer acordado por até sete dias durante as migrações, o que lhes permite voar e navegar a noite, e procurar por alimento de dia, sem descansar (CRARY, 2016, p. 11).

Um trabalho incessante, produtividade sem limites, trabalho profissional acrescido a trabalho doméstico. Cray (2016), em seu livro *O capitalismo tardio e os fins do sono*, destaca que “[...] essa suspensão da vida não revela o custo humano exigido para sustentar sua eficácia” (CRARY, 2016, p. 18), corroborando com Saraiva (2009b), quando afirma que o ensino remoto, “[...] ao mesmo tempo em que libera os sujeitos do cumprimento de horários, os mantém em um comprometimento permanente” (SARAIVA, 2009b, p. 4).

Um dos estudos da Fundação Carlos Chagas (2020) apontou que os sentimentos dos professores se definiam em cansaço, sobrecarga, ansiedade e estresse, associados ao volume de atividades e a rotina de ter levado a escola para o seu ambiente privado. Ainda sobre esse estudo:

Esse conjunto de sentimentos expressa-se com mais frequência entre as professoras. Um segundo grupo de sentimentos negativos, como frustração, tédio, depressão e solidão, mais associados a fatores individuais e expressos de modo mais equilibrado entre homens e mulheres (FCC, 2020, p. 65).

Existe um tempo e trabalho invisível por trás de cada trabalho do professor, um trabalho desterritorializado, e, ainda mais, nesse momento de crise e de ensino remoto emergencial. Prepara-se aula, organiza-se cenário, computador, internet, celular, câmera, microfone. Som ruim, vozes no fundo, cachorro que late, iluminação que não ficou a contento. Publica-se na plataforma educacional e se esforça para que estudantes acessem.

Restava-nos, assim, como as árvores no inverno que passam por uma hibernação – normalmente puxam água da raiz e levam-na pelo tronco até às folhas – hibernar e aguardar a chegada de uma nova estação, pois não dava para ser como os ipês-amarelos do cerrado que florescem no inverno.

3. Primavera: um novo tempo, um novo normal

Essa transição de sair do frio para uma estação de flores renova esperanças. Caracterizada pelo desabrochar das flores, reinstala a alegria e o colorido do calor humano. Como aprendemos com Pablo Neruda “sejamos como a primavera que renasce cada dia mais bela [...]. Exatamente porque nunca são as mesmas flores” (tradução nossa)².

Tempos de esperança, tempos de mudança, mudanças nas relações, na economia, nas formas de ser e estar no mundo, na saúde, na educação. Nessa perspectiva de mudança, a sociedade compreende um importante fator para esse processo: “a educação, por isso, na fase de trânsito que vivíamos se fazia uma tarefa altamente importante. A sua força decorreria, sobretudo, da capacidade que tivéssemos de nos incorporarmos ao dinamismo da época do trânsito” (FREIRE, 1967, p. 47). Freire (1967), já falava de um tempo de trânsito para mudanças:

Nutrindo-se de mudanças, o tempo de trânsito é mais do que simples mudança. Ele implica realmente nesta marcha acelerada que faz a sociedade à procura de novos temas e de novas tarefas. E se todo Trânsito é mudança, nem toda mudança é Trânsito. As mudanças se processam numa mesma unidade de tempo histórico qualitativamente invariável, sem afetá-la profundamente. É que elas se verificam pelo jogo normal de alterações sociais resultantes da própria busca de plenitude que o homem tende a dar aos temas. Quando, porém, estes temas iniciam o seu esvaziamento e começam a perder significação e novos temas emergem, é sinal de que a sociedade começa a passagem para outra época. Nestas fases, repita-se, mais do que nunca, se faz indispensável a integração do homem. Sua capacidade de apreender o mistério das mudanças, sem o que será delas um simples brinquete (FREIRE, 1967, p. 46).

Diante de todo o processo que esteve/está em curso, haverá melhor compreensão, possivelmente, sobre suas potencialidades, *a posteriori*. Contudo, *a priori*, o já vivido nos permite tecer inúmeras reflexões. Se por um lado é impossível ocultar a obsolescência das desigualdades que os profissionais da educação vêm confrontando desde a pandemia, por outro, não há como negarmos o rico processo democrático-participativo que tem sido construído coletivamente pela educação.

É crucial refletir sobre os modos de tornar as instituições de ensino espaços que transformem o modo de ser, pensar e agir dos estudantes, docentes e comunidade escolar,

² "Podrán cortar todas las flores, pero no podrán detener la primavera."

REVELLI, Vol. 14. 2022. Dossiê Cultura, Escola e Formação Humana: reflexões e interfaces com a educação.

ISSN 1984-6576.

E-202216

mesmo no enfrentamento de condições adversas sobrevindas, para que o coletivo caminhe por processos prescritivos e burocráticos impostos pelas políticas públicas.

Como ideário, uma abordagem híbrida apresenta-se como alternativa pós-pandemia, em que procura mesclar o ensino tradicional – em sala de aula – e o on-line – por meio da utilização de tecnologias digitais. “A sala de aula ou os demais espaços escolares precisam ser pensados pelo professor de maneira que se integrem a partir das atividades que os alunos irão realizar” (TANZI NETO; TREVISANI; BACICH, 2015, p. 107). Assim sendo, possibilita-se ao estudante autonomia na construção de seu conhecimento, localizando-o como corresponsável pelo seu desenvolvimento, pois cabe a ele ampliar sua base de pesquisa, sendo estimulado a buscar novas fontes de informação e aprimorar métodos com auxílio do professor, o que resulta em uma forma de personalização.

Na abordagem híbrida, com estratégias como sala de aula invertida e aprendizagem baseada em projetos, os estudantes têm a oportunidade de construção de conhecimentos em outros lugares e tempos, como a própria casa e demais espaços de convívio. Na sala de aula, com professores e colegas, esses conhecimentos são discutidos e problematizados e, assim, consolidados e aprofundados. No ensino tradicional, a aula é o momento da explanação de informações, então são necessários a atenção e o registro por parte desses estudantes.

Letramento digital e educação midiática são urgentes no currículo escolar obrigatório, além de atividades centradas no conhecimento para compreender a realidade concreta, com conhecimento que permita o acesso cultural acumulado pela humanidade. Em curto período, faz-se necessário efetivar a preparação dos professores, distribuindo a carga horária do professor com processos formativos continuados e um processo de apoio técnico, pedagógico e até psicológico, em paralelo, para dar condições de trabalho a ser realizado junto ao estudante. É preciso deixar de culpabilizar o papel do professor por situações que, inclusive, antecediam à pandemia, pois os mesmos não são responsáveis pelos problemas estruturais e questões políticas, dentre outras situações.

Faz-se necessário, além disso, saber que professores e estudantes, assim como todos os demais atores envolvidos nesse processo, são pessoas com histórias de vida próprias. Nota-se, assim, a necessidade de uma grande consideração pelo sujeito que ensina e pelo sujeito

que aprende, assumindo uma busca pela efetivação tanto dos processos de ensino como os de aprendizagem.

4. Verão: de muitas andorinhas

Poetizou-nos Mario Quintana (1994): “Voa um par de andorinhas, fazendo verão. E vem uma vontade de rasgar velhas cartas, velhos poemas, velhas cartas recebidas. Vontade de mudar de camisa, por fora e por dentro...[...] Vontade de amar, simplesmente”.

Verão! Aquela época esperada por muitos, com seus dias mais longos e noites mais curtas. Sinônimo de dias ensolarados, férias, diversão e afetos, que assim como o ensino e aprendizagem são territórios de afetos, humanidades, espaços imprevisíveis, inusitados e inacabados. Ao menos, deveriam ser, pois o processo de ensino e aprendizagem é plurissensório e requer o brilho no olhar, sentimentos, movimentos, envolvimento, corpos, fissuras, confissões, contradições, fugas. Fugas no sentido de reinventar, já que “o grande erro, o único erro, seria acreditar que uma linha de fuga consiste em fugir da vida; a fuga para o imaginário ou para a arte. Fugir, porém, ao contrário, é produzir algo real, criar vida, encontrar uma arma” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 40).

Abre-se, no horizonte, uma janela de lembranças. Por mais que a academia seja um lugar para fazer ciência, e cremos que este é o seu grande papel, não podemos esquecer que sem o humano nada seria produzido ou criado. A educação é, antes de mais nada, o trabalho realizado por pessoas para que outras possam entender os métodos e metodologias que levam ao conhecimento. Não há como não homenagear as mais de 676.000 vidas perdidas na pandemia. Histórias, vivências e importâncias que construíram muito do que temos, para cada número, uma pessoa, um mundo particular e um universo para aqueles que conheceram tais pessoas. Que novos verões tenham ares de ternura, saudade, mas, principalmente, na certeza em dias-brisas melhores, para a construção de lugares de calma, pela construção de lugares de acolhimento para a educação e para a vida. Ao criarmos uma sociedade mais sensível, tal como uma academia mais humanizada, estaremos corroborando para que a educação não esteja desatrelada dos ditames sociais, mas vinculada a tantos outros contextos que nos fazem verdadeiramente humanos.

REVELLI, Vol. 14. 2022. Dossiê Cultura, Escola e Formação Humana: reflexões e interfaces com a educação.

ISSN 1984-6576.

E-202216

Para falar de criação, é necessário entender as motivações e o engajamento ao transformar a prática pedagógica, compreendendo as necessidades dos territórios e das características dos estudantes. Um movimento que nos evidenciou, ainda mais, a necessidade de sempre tomar a escola como um *locus* potência, pensante, capaz de mediar políticas para repensar e enfrentar momentos de crises. Movimentos que se materializam rumo a um “inédito viável” (FREIRE, 2006, p. 205).

Os homens e mulheres têm várias atitudes diante dessas “situações-limite”: ou as percebem como um obstáculo que *não podem* transpor, ou como algo que *não querem* transpor ou ainda como algo que sabem que existe e que precisa ser rompido e então se empenha na sua superação (FREIRE, 2006, p. 205, grifos do autor).

Boaventura de Souza Santos (2020), em *A Cruel Pedagogia do Vírus*, pondera sobre a oportunidade de se refletir na qualidade e na realidade das instituições de ensino em momentos de crise, diante de um cenário de cansaço físico, mental, que ainda ecoa, talvez pelo meio adotado e imposto pelas políticas públicas educacionais e seus vários descasos, que o ensino remoto se organizou no intuito de impedir potencialidades. No entanto, é preciso resistir e escapar:

Escapar: criar novas formas de subjetividade, resistência: novas formas de aprender e ensinar, novas maneiras de escolar. Resgatar o fora, o imprevisível, o imponderável. Fazer vazar os fluxos, fazer vazar os mecanismos de controle. Ainda que hajam sempre recapturas, as fugas são necessárias. (ASPIS; GALLO, 2011, p. 174).

No campo educacional, o trabalho docente mergulhava em tempos de excepcionalidade e o humano que foi constituído nesse processo estava em relevo. Afinal, “é preciso perceber que todo processo de assujeitamento traz possibilidades de subversão e esta potência de subverter é a potência criativa da vida, a garantia de que a própria vida só é vida porque pode ser subvertida e reinventada” (LIMA, 2014, p. 85).

Nesse sentido, é preciso repensar os papéis, mas, sobretudo, ressignificar a importância do professor em nossa sociedade. Enxergar o seu lugar e mesmo em tempos de virtualização e câmeras fechadas, reorganizar as nossas relações, vivências e perspectivas, não somente no campo acadêmico. Quantos professores ao longo da pandemia não falaram

sozinhos por horas? Nenhuma mão levantada ou qualquer tipo de interação era algo extremamente comum.

Pode-se dizer que a crise da pandemia é a crise da educação, pois faltam conhecimentos técnicos e científicos para que possamos nos apropriar dos elementos éticos embutidos em tudo isso. O Brasil, em tempos de pandemia, revela-nos a necessidade de buscar uma nova identidade para a educação brasileira.

O ensino não deve apagar o humano, em meio aos registros de presenças ausentes no ensino remoto emergencial. Que o sol faça renascer a vitalidade do verde exuberante da nossa bandeira nos corações daqueles que se dedicam à docência. Que a vida seja abundante, que as estações possam, com todas as suas particularidades, atravessar e serem atravessadas por vivências e novas perspectivas e experiências, mais humanas, mais envolvidas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma Poesia**. Belo Horizonte, Edições Pindorama, 1930.

ARENDDT, H. **A condição humana**. Tradução: Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

BELCHIOR. **Sujeito de sorte**. 2020. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=oy5w9mWrzBg>. Acesso: 25/04/2022.

CRARY, J. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Ubu, 2016.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**, São Paulo. Escuta. [Links], 1998.
Disponível em:
<http://professor.ufabc.edu.br/~la.salvia/wp-content/uploads/2016/09/Gilles-Deleuzeensino-de-filosofia.pdf>. Acesso em 14 maio de 2022.

ELY, Débora. Aulas presenciais nas escolas do RS não têm prazo para retorno.
GAÚCHAZH, Porto Alegre, 29 abr. 2020. Disponível em:
<https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2020/04/aulas-presenciais-nas-escolas-do-rs-nao-tem-prazo-para-retorno-ck9lwcmibi00oj017ndtzezi2r.html>. Acesso em: 15 maio de 2022.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

REVELLI, Vol. 14. 2022. Dossiê Cultura, Escola e Formação Humana: reflexões e interfaces com a educação.
ISSN 1984-6576.
E-202216

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. **Educação escolar em tempos de pandemia na visão de professoras/es da Educação Básica**, São Paulo, junho/2020. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/educacao-escolar-em-tempos-de-pandemia-informe-n-1>>. Acesso em 14 maio de 2022.

GALLO, S.; ASPIS, R. L. Biopolítica-vírus e Educação-governamentalidade e Escapar e.... **Revista de Estudos Universitários**, v. 37, p. 167-179, 2011.

GZH. **UNESCO** anuncia coalizão para garantir a educação durante o Coronavírus. 26 mar. 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/mundo/noticia/2020/03/unesco-anuncia-coalizacao-para-garantir-a-educacao-durante-o-coronavirus-ck88ukary021a01o9152e5rnt.html>. Acesso em: 15 maio de 2022.

GURGEL, Amanda. **Depoimento da professora Amanda Gurgel do RN que criticou deputados, secretários e governantes**. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Va2wNfwI-gQ&t=302s>. Acesso em: 15 abr. 2022.

KRENAK, A. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LIMA, Fátima. **Corpos, gêneros, sexualidade**: políticas de subjetivação - Textos reunidos. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014.

MORAN, J.M. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. Campinas, SP: Papirus, 2007.

NERUDA, Pablo. **Pablo Neruda: «Podrán cortar todas las flores, pero no podrán detener la primavera»**. 2019. Disponível em: <https://www.colombiainforma.info/pablo-nerudapodran-cortar-todas-las-flores-pero-no-podran-detener-la-primavera/>. Acesso em: 18 abr. 2022.

PRETTO, Nelson; BONILLA, Maria Helena; SENA, Ivânia. **Educação em tempos de pandemia**: reflexões sobre as implicações do isolamento físico imposto pela COVID-19. Salvador: Edição do autor, 2020.

QUINTANA, Mario. **Sapato Florido**. Edição Especial. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1994.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SARAIVA, K. **Educação a distância**: outros tempos, outros espaços. Ponta Grossa/PR: UEPG, 2010.

REVELLI, Vol. 14. 2022. Dossiê Cultura, Escola e Formação Humana: reflexões e interfaces com a educação.
ISSN 1984-6576.
E-202216

SARAIVA, K. Uma educação sem limites. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32, 2009, Caxambu. **Anais** [...]. Caxambu: ANPED, 2009b. p. 1-14.

SAVIANI, D.; GALVÃO, A. C. “Educação na Pandemia: a falácia do “ensino” remoto. **Universidade e Sociedade ANDES-SN**, ano XXXI, janeiro, 2021.

SEIXAS, Raul. **O dia em que a Terra parou**. 1977. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/raul-seixas/o-dia-em-que-a-terra-parou.html>. Acesso em: 15 maio de 2022.

SENHORAS, E. M. “**A pandemia do novo coronavírus no contexto da cultura pop zumbi**”. Boletim de Conjuntura (BOCA), vol. 1, n. 3, 2020.

SOARES, Sália B. V. Coronavírus e a modernização conservadora da educação. In: SOARES, Sália B. V. Coronavírus, educação e a luta de classes no Brasil. Piauí: Terra Sem Amos, 2020. p. 5-14. v. 1. Disponível em: <https://terrasemos.files.wordpress.com/2020/05/coronavc3adrus-educac3a7c3a3o-e-luta-de-classesno-brasil.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2022.

TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello; BACICH, Lilian. **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância. **Cenário da Exclusão Escolar no Brasil**: Um alerta sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na Educação. Abril de 2021. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/acesso> em 13 maio de 2022.

VIRILIO, P. **O espaço crítico**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.